

Asas de Papel: uma experiência com narração de histórias para crianças em um Hospital Universitário

Paper Wings - A Storytelling Experience for Children at a University Hospital

Maria Estela Shiroma¹

Lenita Barreto Lorena Claro²

Resumo

A hospitalização é uma experiência difícil, especialmente para crianças e adolescentes. Evidências sugerem que a narração e leitura de histórias podem atuar como recurso terapêutico complementar, que contribui para a melhor qualidade desse período. A experiência de cinco anos do Projeto de Extensão “Asas de Papel”, na enfermaria de pediatria do hospital da Universidade Federal Fluminense, mostra a contribuição dessas atividades para a redução da ansiedade e tristeza de crianças e adolescentes e incentivo à sua criatividade, capacidade de expressão e interação. Observa-se, ainda, o estímulo para que os adultos acompanhantes adquiram o hábito de contar histórias para as crianças. Para os estudantes de graduação participantes, foi relatado alívio do estresse, frequente na vida acadêmica e contribuição para o desenvolvimento de suas habilidades interpessoais, importantes para futuros profissionais de saúde e para todos os que lidam com públicos diversos.

¹ Faculdade de Medicina UFF

² Instituto de Saúde Coletiva. UFF
Autor Correspondente: Lenita Barreto Lorena Claro
Email: lenitalorena@yahoo.com.br

Palavras chave: Leitura, Literatura Infantil, Hospitalização, Pediatria

Abstract

Hospitalization is a difficult experience, especially for children and adolescents. Evidence suggests that storytelling and reading of stories can act as a complementary therapeutic resource, which contributes to quality of hospitalization. This paper reports on the experience of five years of the extension project "Paper Wings", in pediatric ward of a university hospital. It shows the contribution of these activities to the reduction of anxiety and sadness in children and adolescents and to encourage their creativity, expression and interaction. It is also observed that the accompanying adults acquire the habit of telling stories to the children. For participating undergraduate students, stress relief, frequent in academic life, and contribution to the development of their interpersonal skills, have been reported.

Keywords: Reading, Children's Literature, Hospitalization, Pediatrics

Introdução

A hospitalização é uma experiência geralmente difícil e indesejável. A doença traz sofrimentos, apreensões e interrompe o ritmo natural da vida. A estadia em um hospital provoca a quebra da cotidianidade – dos lugares, atividades e pessoas familiares e traz o contato com

outras pessoas doentes, com seu sofrimento e mesmo com a morte, vivências que, frequentemente, são

fonte de angústia, medo, tristeza e ansiedade ^{1,2,3}. Em crianças e adolescentes, em função da sua fase de desenvolvimento e estrutura psíquica e emocional em formação, esses efeitos podem ser mais

intensos⁴. Vale ainda ressaltar, que a internação de uma criança costuma alterar toda a dinâmica familiar, da qual a criança é intensamente dependente, e que a essa experiência é muito penosa para os adultos que a acompanham.

Assim sendo, tem sido constante a busca por estratégias, tecnologias e recursos que tornem o ambiente hospitalar mais acolhedor e familiar para a criança, e também para o adolescente, o qual vivencia uma fase de transição repleta de desafios^{5,6,7,8,9,10}. Há evidências de que a leitura tem potencial terapêutico, tanto para crianças e adolescentes, quanto adultos, atuando como recurso complementar às terapias médicas convencionais^{9,11,12,13,14}. Os livros e as histórias, transmitidas oralmente, têm sido utilizados, com essa finalidade¹⁵, desde a antiguidade.

Na situação de ruptura e insegurança que representa a hospitalização para a criança, os livros e as histórias abrem um espaço de comunicação, de convivência, de criação de vínculos

e aproximação das coisas ausentes, através do jogo metafórico^{3,5,14}.

O direito de ler é considerado um dos direitos básicos do ser humano¹⁴. As bibliotecas e atividades de leitura são realidades nos serviços de saúde do primeiro mundo há décadas^{16,17}. No Brasil, iniciativas semelhantes têm sido realizadas em dezenas de hospitais^{2,9,11,18}. Este trabalho tem como finalidade descrever a experiência de um projeto de extensão que atua na enfermaria de Pediatria de um hospital universitário, com atividades de leitura e narração de histórias para crianças e adolescentes.

A literatura infantil

Estima-se que a literatura infantil tenha surgido no século XVII, na França, com Fenélon (1651-1715), acompanhando o surgimento de nova concepção da criança - não mais vista como um adulto em miniatura – com necessidades afetivas e de cuidado específicas¹⁹. Uma das funções principais dessa literatura era educar moralmente a

criança, com histórias que a ajudariam a distinguir o “bem” e o “mal”.

Charles Perrault, também um francês do século XVII, compilou as ricas narrativas folclóricas, preservadas por tradição oral dos camponeses, fazendo adaptações e dando-lhes valores comportamentais tipicamente burgueses, o que deu origem aos contos de fadas. Nos séculos posteriores, os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, alemães, e o dinamarquês Hans Christian Andersen deram continuidade a esse trabalho. Em meados do século XVIII, os contos de fada se espalharam por toda a Europa e se popularizaram¹⁵.

Embora os contos de fada continuassem a ser difundidos pela tradição oral, o acesso aos livros, que eram raros, ficou restrito, por muito tempo, a uma elite. Nos dias atuais, embora a grande difusão da literatura, o acesso a ela ainda é desigual, por razões sociais, econômicas e culturais.

A literatura infantil brasileira tradicional apresenta uma combinação entre a literatura europeia e a africana e indígena, inspiradas nas crenças e mitos desses povos, o que lhe confere características bastante originais. Considera-se que a literatura infantil genuinamente nacional, tenha tido início, de fato, com as obras de Monteiro Lobato, publicadas a partir de 1920. Este autor traz, para o público infanto-juvenil, textos com conteúdo e linguagem que se relacionam com a realidade social do Brasil da sua época e rompe com conceitos maniqueístas de certo e errado, bom e mau¹⁵.

A literatura infantil tem uma importância que vai além do simples prazer proporcionado por ouvir histórias; ela serve para a efetiva iniciação das crianças na complexidade das linguagens, ideias, valores e sentimentos que regem a sua vida e contribui para o desenvolvimento de funções cognitivas e afetivas relevantes.

Alguns autores ressaltam a importância da leitura como parte fundamental da estruturação do

imaginário da criança. A fantasia tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional da criança, ajudando-a a reconhecer e interpretar suas experiências cotidianas e preparando-a para vivenciar, com mais segurança, suas dificuldades e solucionar seus problemas^{20,21}.

Há ainda evidências de que as histórias são excelentes auxiliares na tarefa de educar e transmitir valores às crianças, pois muitos contos envolvem temas abstratos como carências, abandono, medo, amor e outros sentimentos difíceis de serem compreendidos apenas com palavras ou isolados de um contexto¹⁴. Quando histórias são contadas às crianças, o movimento de transferência, que faz com que a criança se identifique com um dos personagens, as ajuda a traduzirem em palavras os sentimentos e emoções que povoam seu mundo interior, assim como a elaborar suas dificuldades e sofrimentos^{2,5,22}.

O hábito de ler pode ser adquirido por meio do exercício

frequente de se ouvir histórias contadas e de sua leitura²³. Ao ler, o indivíduo adquire conhecimentos, amplia seu vocabulário, tem sua capacidade de refletir estimulada e seus horizontes culturais ampliados. Os livros e as estórias contribuem ainda com a socialização, pois abrem espaços de comunicação, convivência e criação de vínculos.

O narrador de histórias

Considerada uma forma de arte, a narração de histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais, que transmitiam seus valores, crenças e experiências, de geração em geração, de forma oral, contando e encenando histórias.

O contador de histórias tem, assim, historicamente, um papel social relevante. Ele é o personagem central que, com sua interpretação da narrativa, dá vida ao texto, buscando despertar no ouvinte novas percepções e emoções, assim como uma postura reflexiva e crítica.

A forma com que se conta uma história ou lê um livro para alguém, dá a este a chance de

poder “viajar sem sair do lugar”, uma viagem imagética e lúdica na qual embarca o ouvinte. O narrador necessita se adaptar a diferentes espaços, momentos e ouvintes, para recontar, de forma criativa e inovadora, uma mesma história inúmeras vezes e apresentar a *performance* adequada^{20,24}. Sisto enfatiza ainda que “quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaço para o ouvinte se envolver e recriar²⁵.”

Os principais instrumentos de trabalho do narrador são sua voz e seu corpo. A voz pode ser modulada de acordo com o que se está narrando. Intensidade, clareza e conhecimento são pontos fundamentais levantados por Coelho, sendo que a intensidade e a clareza estão ligados ao timbre de voz, à entonação e ao ritmo que se adequam às emoções que o contador quer compartilhar e instigar em seus ouvintes¹⁵. A clareza, por outro lado, diz respeito também a uma boa dicção e correção da linguagem. O corpo assume um papel relevante na transposição do texto impresso para

a narrativa, com gestos que traduzem emoções. Cada gesto, cada palavra compõe em si, e em seu conjunto, a narrativa que o contador pretende transmitir, imprimindo, assim, ao ato de contar, sentido e direção.

O treinamento do contador de histórias envolve, desde ler uma história respeitando suas pontuações, alterar a entonação das vozes nas diferentes situações apresentadas e o timbre nos diferentes personagens, até o trabalho com técnicas teatrais que visam criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde o enredo e os personagens ganham vida²⁶.

ASAS DE PAPEL

O projeto de extensão “Asas de Papel – cuidando com livros e histórias”, criado em 2013, tem como objetivo propiciar aos pacientes hospitalizados na Enfermaria de Pediatria do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) oportunidades de contato com os livros e com as histórias, como

instrumentos de crescimento pessoal, melhora da autoestima, da confiança, do humor e redução do estresse. Vinculado ao Departamento de Saúde e Sociedade/Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense, o projeto é coordenado por professora da área da saúde, com formação em arteterapia. Além da participação de alunos dos cursos de graduação da área da saúde, o projeto tem contado com a colaboração de professores e estudantes dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UFF e com a parceria com o setor de Psicopedagogia do HUAP.

As atividades na enfermaria de Pediatria ocorrem duas vezes na semana, ao final da tarde e contam com a colaboração de um bolsista de extensão e de alunos dos cursos da área da saúde, biblioteconomia e arquivologia. Inicialmente, foi realizada, entre os estudantes, uma campanha para doação de livros usados, para o público infanto-juvenil. Os livros obtidos foram selecionados e catalogados.

A enfermaria de Pediatria divide-se em três espaços: um dedicado aos lactentes, um para crianças na idade pré-escolar e outro para escolares, que inclui adolescentes. O setor conta também com uma pequena sala de recreação, com mesas e cadeiras pequenas.

Livros variados, adequados a diferentes faixas etárias, são levados a cada visita. A narração e leitura de histórias, acompanhadas da visualização de suas gravuras, são realizadas nos três espaços da enfermaria, individualmente ou em pequenos grupos de crianças. Para as crianças maiores e adolescentes são também oferecidos livros para sua própria leitura. O uso de fantoches, adereços e o recurso a brincadeiras e atividades lúdicas relacionadas às histórias são recursos auxiliares à narração.

A participação ativa das crianças é sempre estimulada, por meio de perguntas sobre a estória, solicitação para que leiam uma parte da mesma ou imaginem sua continuação ou desfecho.

Após cada visita, solicita-se que um ou mais dos estudantes elaborem um relato da experiência vivenciada, o qual é publicado numa página que o projeto mantém numa rede social, de acesso restrito aos participantes.

Esses relatos mostram as percepções dos estudantes sobre os efeitos das atividades do projeto nas crianças, nos seus acompanhantes e neles próprios. Geralmente, avaliam que as crianças se interessam muito pelas atividades, desde escutar ou ler histórias, até participar ativamente da narração, criar novas histórias e comparar uma história com outra.

Enfim... nossa princesinha ainda está internada, ainda permanece presa à maca devido aos procedimentos médicos, mas até sua aparência já está melhor. Li inúmeras histórias para ela e ao final de cada uma, sempre escutava: "Tia, conta mais uma?" e eu contava.... mas a coloquei para trabalhar também... ela imaginou outras histórias

e, assim, fomos montando outras aventuras... (Relato de estudante, 2014)

Percebem também nas crianças cuja internação é prolongada e que, por isso, são acompanhadas por eles durante muitos meses, um desenvolvimento progressivo na habilidade de ler em voz alta. Muitas daquelas que, no início gaguejavam, trocavam letras e palavras, liam muito devagar e sem respeito pelas pontuações, aos poucos, vão conseguindo manter o ritmo respiratório e as pausas adequadas na leitura, reduzindo as trocas de fonemas, o gaguejo e a inibição. Outro benefício percebido é a maior facilidade de interação com as demais crianças da enfermaria e de expressão, com a continuidade de sua participação.

A percepção das atividades de leitura e narração como terapias complementares ao tratamento médico recebido pelas crianças no hospital, também é expressada pelos estudantes:

Ela me disse que queria ser médica, para ajudar

muitas pessoas e me perguntou por que eu, uma estudante de medicina, estava lá lendo histórias para ela. Respondi que os médicos não são os únicos profissionais que podem ajudar as pessoas e que todos, independente de suas profissões, podem ser úteis. O médico consegue aliviar o sofrimento e a dor dos seus pacientes, mas, apenas com o tratamento, a melhora pode demorar. Por isso, outras formas de terapia são muito importantes, como as que nos fazem rir, cantar, dançar ou voar pelo mundo da imaginação, e que a leitura pode ser uma destas formas de terapia. Perguntei-lhe, então se ela conseguia sair do mundo da enfermaria quando eu lia para ela e me respondeu afirmativamente. Perguntei se ela gostava disso e respondeu: “sim... por isso vou melhorar e sair daqui

mais rápido!” (Relato de estudante, 2013)

Para as crianças com problemas de saúde e limitações mais graves, como a paralisia cerebral, os efeitos da narração de histórias têm sido, em alguns casos, surpreendentes. Crianças que choravam insistentemente, com dificuldade de serem consoladas, reagiram à narração de histórias com cessação do choro e o olhar atento direcionado ao narrador. Com a continuidade das visitas, começaram a esboçar sorrisos e manifestar preferências por tipos de histórias e gravuras.

E mais uma vez, ela nos recebeu com um sorriso imenso! Mas, nesta noite em especial, não estava presente apenas seu sorriso... estavam presentes também seus movimentos. Uma garotinha que antes apenas movimentava a cabeça e o pescoço, com alguns movimentos leves e delicados dos membros superiores, hoje segurou minhas

mãos, movimentou suas pequeninas pernas a cada página virada, demonstrando grande interesse e satisfação com cada trecho da história! (Relato de estudante, 2015)

Nessa noite tive uma surpresa imensa... e muito boa! Ao chegarmos ao quarto, nossa princesinha nos recebeu com seus sorrisos abertos e novos movimentos, agora, um pouco mais articulados. Mas a surpresa mesmo veio quando iniciamos a leitura, pois ela conseguiu repetir alguns dos sons que fazíamos! Investimos então em pequenos sons de motores, de animais e outros e obtivemos alguns sucessos com a fala de nossa pequena! É realmente emocionante! (Relato de estudante, 2015)

Outro exemplo marcante foi o de um adolescente de 14 anos com paralisia cerebral e restrito ao leito, que ficou hospitalizado por dois

anos, tendo sua mãe como acompanhante. Ele não conseguia falar, tinha movimentos restritos, mas se expressava por meio do olhar muito vivo e, segundo sua mãe, sorria muito raramente. Com as visitas do Asas, os estudantes começaram a perceber que ele reagia às histórias e às ilustrações dos livros e foram identificando os tipos de histórias que o atraíam mais. Passaram a deixar livros emprestados com sua mãe, que adquiriu o hábito de ler para o filho, várias vezes ao dia.

Foi maravilhoso perceber que um adolescente, com paralisia cerebral e restrito ao leito, se interessava pelas histórias e nos mostrava isso, sorrindo e mexendo as mãos. No início achava que ele não prestava atenção nas histórias contadas e na visualização das figuras dos livros, mas, ao longo do tempo, pude ver sua motivação por essas atividades, até o dia que o adolescente sorriu após um conto. O mais gratificante é saber que o

estímulo da leitura proporciona a esses pacientes momentos de descontração, alegria e lazer. Esse trabalho mostrou como o bibliotecário pode ajudar os médicos, enfermeiros, psicólogos, entre outros, na busca pela saúde, salientando a ideia que o campo de atuação do profissional em Biblioteconomia não se restringe somente a bibliotecas. (Relato de estudante, 2016)

Os acompanhantes das crianças, em geral, mães, pais ou avós, têm expressado satisfação com as atividades do Asas de Papel, percebidas por eles como trazendo tranquilidade, bem-estar e alegria para as crianças. Muitos relatam que passaram a adquirir o hábito de ler para elas, ao observarem esses benefícios. Para estimular esse hábito, os estudantes costumam emprestar ou doar livros para os acompanhantes interessados.

Uma das mães na Pediatria elogiou muito

nosso trabalho, que acha de extrema importância, pois, tanto as crianças, quanto os acompanhantes, precisam sair um pouco da realidade tão cansativa que é a estadia em um hospital. Ela relatou estar extremamente desgastada, mas que muito se diverte com nossas aventuras! Diz que sente sua filha muito mais animada e acha até que pode ter tido uma melhora mais rápida com as histórias e os sorrisos! (Relato de estudante, 2016)

Outro exemplo interessante foi o de um menino, pré-adolescente, com uma enfermidade que provoca debilidade muscular progressiva. Essa criança, que teve o desenvolvimento psicomotor normal até determinada idade, no momento da internação já tinha perdido a maior parte dos movimentos. Seu pai, que o acompanhava, de início autorizou a leitura para o filho, mas sem acreditar que fosse trazer algum

benefício a ele: “Pode ler sim, mas ele já não liga mais, não sabe o que acontece com ele”. Porém, surpreendeu-se, logo na primeira leitura, pois o menino moveu a cabeça na direção do narrador, voltando-a para o outro lado, quando a história terminou. O estudante ofereceu livros para que o pai lesse para ele em outros momentos, mas foram recusados.

Com o transcorrer das visitas, o menino começou a sorrir em determinados trechos das histórias, o que muito surpreendeu o narrador e, em especial, o pai, que daquele dia em diante, passou a pedir livros emprestados e retomou o hábito de ler para seu filho, que havia interrompido com a progressão da doença.

Em relação aos efeitos do projeto sobre si próprios, os estudantes têm compartilhado que as atividades lhes proporcionam momentos de descontração, alegria e alívio do estresse, muito frequente durante os cursos de graduação, em função da sobrecarga de atividades e exigências. Além disso, a participação no projeto os tem

ajudado a melhorar suas próprias habilidades de comunicação e interação.

Para os estudantes da área da saúde, o desenvolvimento dessas habilidades interpessoais e de uma perspectiva de cuidado mais ampla é muito enriquecedor para sua formação. Os estudantes de Biblioteconomia e Arquivologia, além do trabalho com a literatura infantil e o desenvolvimento interpessoal, relatam que a experiência os ajuda a reconhecer que o trabalho dos profissionais de sua área pode se estender muito além das bibliotecas e arquivos.

Concluindo...

O “Asas de Papel” traz em seu nome várias metáforas...

As histórias narradas dão “asas” à imaginação de cada criança e adolescente, transformando a enfermaria num lugar mais colorido, mais suave, mais alegre, mais acolhedor...

Histórias, no papel ou na voz, que propiciam muitos voos. Voos,

nas suas asas, para lugares mais convidativos que a enfermaria de um hospital. Voos para além da doença, além da dor, além dos limites... Voos dos estudantes, tantas vezes aprisionados nas grades curriculares... Voos da criança interior de cada um...

Referências

1. Brito TRP, Moreira DS, Resck ZMR, Marques SM. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em Enfermagem Pediátrica. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009; 13 (4): 802-08.
2. Seitz E. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC . ETD - Educ. Temat. Digit. 2008; 9(2):145-169.
3. San Segundo R. Defensa del derecho a la lectura para pacientes. Guia de Bibliotecas para Pacientes. Red de bibliotecas para pacientes. Programa de Salud y Lectura, Madrid; 2007.
4. Luz JH, Martini JG. Compreendendo o significado de estar hospitalizado no cotidiano de crianças e adolescentes com doenças crônicas. Rev Bras Enferm.2012; 65(6): 916-21.
5. Ribeiro G. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf. 2006; (2):112-126.
6. Ceribelli C, Nascimento LC, Pacifico SMR, Lima RAG. A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizadas. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2009; 17(1): 81-87.
7. Alves CA, Deslandes SF, Mitre RMA. Desafios da humanização no contexto do cuidado da enfermagem pediátrica de média e alta complexidade. Interface - Comunic., Saude, Educ. 2009; 13(supl.1): 581-94.

8. Nehmy RMQ, Mota, JAC, Gonçalves AJP, Gontijo NP, Guimarães YL. Uma experiência de extensão, iniciação científica e de formação humanista de estudantes de medicina: o projeto Abraçarte. Rev. Méd. Minas Gerais. 2009; 19(4,supl.2):64-70.
9. Lemos AC, Silva NCG. A função terapêutica da arte de contar histórias Intersemiose - Revista Digital. 2012; 1(1): 7-23.
10. Oliveros-Donohue MA. Humanización de la Pediatría. Acta Med Per. 2015; 32(2):85-90.
11. Caldin CF. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. 2001; 12: 32-44.
12. Caldin CF. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. 2004; 18: 72-89.
13. Sunderland M. O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.
14. Martins CD. Leer: um derecho... también en el hospital. Inf.Cult. Soc. 2011; 25: 145-152.
15. Nelly Novaes Coelho A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron, 1981.
16. Beluche R. O Direito à Leitura. Cad. Pesq. Cdhis. 2010; 23(2): 589-593.
17. Matthews D, Lonsdale R. Children in hospital: II. Reading therapy and children in hospital. Health Libr Rev. 1992; 9(1):14-26.
18. Caldin CF. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. 2002; 14:38-54.
19. Ariès P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
20. Ramos AC. Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?

- Dissertação [Dissertação].
Londrina (PR): Universidade
Estadual de Londrina; 2011.
- história. São Paulo: Informal
Editora; 2010.
21. Sosa J. A literatura infantil.
Literatura Infantil:
autoritarismo e emancipação.
São Paulo: Ática; 1982.
 22. Bettelheim B. A psicanálise
dos contos de fadas. Rio de
Janeiro: Paz e Terra; 1980.
 23. Foucault J. A criança, o
professor e a leitura.
Tradução de Marleine Cohen
e Carlos Mendes Rosa. Porto
Alegre: Artes Médicas; 1997.
 24. Scharf RF. A escola e a
leitura na prática pedagógica
da leitura e produção textual.
Londrina; 2000.
 25. Sisto C. Textos e pretextos
sobre a arte de contar
histórias. 2ª edição. Série:
Práticas educativas. Positivo:
Curitiba; 2005.
 26. Dohme VD. Técnicas de
contar histórias: um guia para
desenvolver as suas
habilidades e obter sucesso
na apresentação de uma